

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

KARINA JAEL MOLINA

A relação da história da língua inglesa com a ortografia e o aprendizado da
pronúncia em aprendizes brasileiros

PORTO ALEGRE

2021

Karina Jael Molina

A Relação Da História Da Língua Inglesa Com A Ortografia E O Aprendizado Da
Pronúncia Em Aprendizes Brasileiros

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientadora Prof^a Dr^a Valéria Neto de Oliveira Monaretto

Porto Alegre

2021

Aos meus alunos que, sem saber, me ensinaram na prática muito do que este trabalho teórico apresenta, e àqueles a quem ainda terei a oportunidade de cooperar com sua trajetória de aprendizado do inglês como Língua 2.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as portas que abriu em meu caminho e por toda a provisão que me deu na jornada da graduação. Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por toda a bagagem que recebi para trilhar meu caminho como docente, e a todos os professores do Instituto de Letras que fizeram parte da minha história, me ensinando aquilo que precisarei para contribuir com o futuro de meus alunos. Deixo um agradecimento especial à minha querida orientadora, Dra^a Valéria Neto de Oliveira Monaretto, por me acompanhar nesse processo de conclusão acadêmica. Sua paciência e disposição fizeram toda a diferença. Agradeço à minha família por todo apoio, amor e cuidado até aqui. Finalmente, deixo meu "muito obrigada" a todos os meus amigos por tornarem esta etapa de minha vida mais leve e prazerosa.

"...o que ensina esmere-se no fazê-lo." Romanos 12.7

RESUMO

O presente estudo visa contribuir com o ensino da língua Inglesa para aprendizes brasileiros a partir de uma revisão bibliográfica com um panorama histórico de formação do inglês e de suas mudanças fonológicas. A relação grafema/fonema e questões de grafia serão abordados de forma a explicar e justificar realizações fonéticas distintas da ortografia atual e possíveis interferências interlínguas. Além de um olhar sobre aspectos fonológicos de mudança da língua, este estudo abrangerá um levantamento de “erros de pronúncia” corriqueiros, produzidos por brasileiros em fase de aquisição do inglês, a partir de experiências particulares de ensino do idioma. Por fim, apresenta-se alguns erros recorrentes de pronúncia e propostas de ensino para que sejam corrigidos.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Fonologia. Pronúncia. L2.

ABSTRACT

The present study aims to contribute to the teaching of the English language for Brazilian learners from a bibliographic review with a historical overview of the formation of the English language and its phonological changes. The grapheme/phoneme relation and spelling issues are going to be approached in order to explain and justify phonetic realizations that are distinct from the current orthography and possible interlanguage interferences. In addition to a look on phonological aspects of language changes, this study is to approach a survey of common "pronunciation errors", produced by Brazilian students in the English acquisition phase, from particular experiences of the English teaching. Finally, some recurrent errors in pronunciation and teaching proposals to correct them are presented.

Keywords: English language. Phonology. Pronunciation. L2.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA	12
2.1 O Inglês Antigo	12
2.1.1 A influência dos povos germânicos	12
2.1.2 A chegada dos Vikings	14
2.2 O Inglês Médio e a influência normanda	15
2.3 O Inglês Moderno e <i>The Great Vowel Shift</i>	16
2.3.1 O aparelho fonador e a articulação de vogais	18
2.3.2 <i>The Great Vowel Shift</i>: o que ocorreu na prática?	21
3 O QUE A ESCRITA REPRESENTA?	23
3.1 Alguns problemas de aprendizagem de pronúncia do inglês por aprendizes de L2	25
4 ALGUNS OBSTÁCULOS DE PRONÚNCIA PARA FALANTES BRASILEIROS E COMO FACILITAR SEU PROCESSO DE SUPERAÇÃO ...	29
4.1 A Ausência de epêntese após sons plosivos não seguidos de vogal	29
4.2 Existência de sons não reconhecidos na fonética brasileira	30
4.3 A opacidade fonêmica da língua inglesa	32
4.4 A ausência de acentos gráficos na língua inglesa	32

4.5 A existência de palavras geradas por junções de vocábulos da língua inglesa	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	37
6.1 Sites consultados	39
6.2 Vídeos consultados	40
7 APÊNDICE	41

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 O aparelho fonador	19
-----------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Análise comparativa entre quatro línguas	13
Quadro 2 Alguns exemplos de cognatos nas línguas germânicas e francês ...	13
Quadro 3 Análise de vocábulos em inglês oriundos do nórdico antigo	15
Quadro 4 Vocabulário de animais em inglês com influência nórdica	15
Quadro 5 Mudanças vocálicas no Inglês Moderno	18
Quadro 6 Trapézio das vogais	19
Quadro 7 Arredondamento dos lábios	20
Quadro 8 Vogais longas	21
Quadro 9 Vogais breves	21
Quadro 10 Oito etapas de mudanças vocálicas no GVS	22
Quadro 11 Comparação entre grafema e fonema no inglês	23
Quadro 12 Comparação entre grafema e fonema no português	23
Quadro 13 Aproximação fonêmica entre português e inglês por falantes brasileiros	28
Quadro 14 Formação de epêntese em palavras do inglês	30
Quadro 15 Diferença de pronúncia do grafema <i> em palavras do inglês.....	31
Quadro 16 Erros de pronúncia em palavras do inglês por falantes brasileiros .	31
Quadro 17 Junções de vocábulos no inglês	34

1 Introdução

O ensino de línguas estrangeiras em sala de aula é uma experiência que possibilita ao professor, dentre tantas descobertas, a compreensão das etapas de aprendizado do indivíduo. A partir do entendimento do que socialmente se conhece por *erro*, não como algo negativo, mas indicativo de um avanço na aquisição da linguagem, há uma possibilidade de que este contribua no ensino de uma língua estrangeira. As tentativas falhas de reprodução do que está sendo ensinado não seriam apenas erros que devem ser advertidos, mas sim um indício de que o aprendiz está assimilando o conteúdo recebido e, de alguma, forma evoluindo (PACHALSKI; MIRANDA, 2019, p. 142). A análise desses *erros* torna possível construir uma explicação que acompanhe a lógica traçada pelo aprendiz, permitindo que este compreenda que forma seria mais adequada de se comunicar dentro da norma padrão da língua estudada. Acredita-se que esta perspectiva do ato de *errar* facilitaria o ensino em si, evitando a memorização sem atribuição de sentido.

Quando o aprendiz enfrenta obstáculos de pronúncia de fonemas da língua, torna-se conveniente que este seja instruído sobre dois assuntos, ao meu ver. O primeiro é o panorama histórico da língua a ser estudada, para possibilitar a compreensão de como ela se organizou e evoluiu, quais fatores justificam tal organização e como se diferem do conhecimento adquirido na língua materna do indivíduo. O segundo é referente ao sistema articulatório da língua: o aparelho fonador e sua diversidade de articulações possíveis para realizar diferentes fonemas, a fim de que haja uma sensibilização e conscientização fonológica e articulatória. Deste modo, o aprendiz ampliará seus recursos mentais para compreender, de fato, como realizar sons da língua estrangeira de forma mais simples.

O presente estudo é fruto das conclusões às quais cheguei, através da docência do Inglês para estudantes brasileiros, como mediar o ensino de questões relacionadas à pronúncia da maneira mais eficaz possível. Partindo de uma análise histórica da evolução da língua inglesa, com foco em sua fonética, principalmente, e fonologia, irei discorrer sobre a relação entre grafema e fonema, e de que forma a ortografia do inglês difere de outros idiomas.

Visando contribuir com o ensino de língua inglesa para estudantes brasileiros, proponho um olhar atento sobre alguns dos principais *erros* por eles cometidos e como é possível auxiliar no reparo dos mesmos.

Ao final deste estudo está disponível um material criado por mim no ano de 2020, com a finalidade de apresentar aos meus alunos alguns erros recorrentes de pronúncia e como eles podem ser corrigidos. Planejo, no futuro, desenvolver ainda mais este material, a fim de que possa contribuir no ensino de ortografia e pronúncia da língua inglesa para falantes brasileiros, e até mesmo apresentar soluções definitivas para estes obstáculos. No momento, me contento em apresentar as sugestões que já construí, desejando que sirva como motivador e encorajador para que outros professores de língua busquem da mesma forma ampliar os métodos de ensino de fonética e fonologia no país.

2 A História da Língua Inglesa

2.1 O Inglês Antigo

2.1.1 A influência dos povos germânicos

Para se falar sobre a origem da língua inglesa, é preciso voltar ao início do séc V, quando povos germânicos, ao observar o enfraquecimento do Império Romano, viram nas Ilhas Britânicas, a oportunidade de construir uma nova colônia. Tais povos eram os anglos, saxões e jutos: imigrantes do que viria ser hoje em dia o norte da Alemanha e o sul da Dinamarca. Até então, poucas pessoas de origem germânica eram vistas na Grã-Bretanha, pois, diferente de outras regiões na Europa, não houve tentativas da parte deles de conquista territorial no arquipélago até meados de 410 d.C.

A chegada desses povos trouxe muitas mudanças na realidade da região, sobretudo na comunicação. O idioma primitivo falado por eles era o *Englisc*, o qual, segundo Hogg (2002, p. 2), não poderia ser muito diferente da língua falada na sua terra natal. Contudo, ao longo das décadas, a língua inglesa tem tomado uma forma cada vez mais diferente do seu caráter germânico original. Isso não significa que não haja semelhanças entre os dois períodos de desenvolvimento da língua. Pelo contrário, elas têm mais semelhanças do que aparentam.

Sendo uma língua do ramo germânico no tronco indo-europeu, o inglês, como é conhecido hoje, apresenta, sim, traços semelhantes à língua alemã moderna, o germânico ocidental e o baixo alemão. Os linguistas comparatistas do século XIX observaram diversas correspondências (FARACO, 2005). Entretanto, entre todas as línguas que a fala germânica gerou, a mais semelhante ao inglês é o frísio, idioma falado em parte do território dos Países Baixos, Alemanha e Dinamarca.

Para se entender a similaridade entre as línguas indo-europeias, é feita, então, uma comparação de cognatos semanticamente equivalentes e sua grafia. Segundo Hogg (*op. cit.*):

It is probably very difficult to appreciate how similar the wide variety of Indo-European languages are. This is partly simply because the relations we are talking about stem from a period almost 10,000 years ago, and for which we have no direct evidence. The way we overcome this is by searching for

what are called cognate forms. These are words which share meanings over different languages and which appear to have similar shapes. (HOGG, 2002, p. 2)

Hogg usa o exemplo da palavra *pai* em sânscrito, grego, latim e inglês para comparar grafias e encontrar semelhanças entre elas:

QUADRO 1 - ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE QUATRO LÍNGUAS

Sânscrito	Grego	Latim	Inglês
pitā	patér	pater	father

Fonte: Hogg (2002, p. 3)

Ele aponta o quão perceptível é a correspondência da letra <f> em inglês com a letra <p> nas demais línguas. Também há o grafema <t> na segunda sílaba e o <r> no final da palavra, embora tenha se perdido no sânscrito. Com esse processo, chamado *Reconstrução Comparativa*, método utilizado na linguística histórica no século XIX, é possível traçar uma linha lógica entre os idiomas de uma mesma origem, ainda que a semelhança apareça de forma mais vaga. Com isso, observa-se que tais línguas têm certo parentesco histórico e linguístico.

It is also possible to use comparative reconstruction on more closely related languages, such as the Germanic group. Below I give some examples of cognate forms from English, Dutch and German, and alongside them I give the corresponding French words:

QUADRO 2 - ALGUNS EXEMPLOS DE COGNATOS NAS LÍNGUAS GERMÂNICAS E FRANCÊS

<i>English</i>	<i>Dutch</i>	<i>German</i>	<i>French</i>
father	vader	vater	père
foot	voet	fuss	pied
tooth	tand	zahn	dent
ten	tien	zehn	dix

Fonte: Hogg (2002, p. 3)

Ao contrário do alemão e do holandês, a língua francesa aparenta ter mais diferenças em relação ao inglês moderno (*Modern English* - doravante ModE), uma vez que é de origem predominantemente latina. Entretanto, se bem analisado, há uma distante conexão entre o fonema <f> do Inglês e o <p> no Francês, bem como o <t> e <d>, respectivamente. Isso indica que, possivelmente, há uma lógica nessa

variação gráfica, e portanto, uma relação entre as línguas. Futuramente, falaremos mais sobre a relação entre o inglês e o francês.

2.1.2 A chegada dos Vikings

Ainda neste período de desenvolvimento do inglês antigo (*Old English* - doravante OE), surge uma nova tomada territorial no séc. VIII. Vindo da Escandinávia, os Vikings invadiram de forma brutal as Ilhas Britânicas. Imersos em uma cultura guerreira e dominadora, eles se espalharam por grande parte do atual território inglês, de modo que, no fim do séc. IX, já haviam conquistado sua própria colônia, chamada Danelaw, que era regida por leis nórdicas.

Quanto ao idioma falado por eles, o nórdico antigo, Oliveira (2019, p. 47) diz:

Os Vikings falavam uma língua denominada 'Nórdico Antigo', que atualmente está extinta, porém seus vestígios continuam nas línguas britânicas. O Antigo Norueguês e o Antigo Inglês mantinham certas semelhanças, pois pertencem à mesma família linguística: a família Germânica. (OLIVEIRA, 2019, p. 47)

Assim como o OE, o idioma falado pelos conquistadores Vikings tem sua origem nos povos germânicos, e, por isso, já apresentavam certas semelhanças entre si. Segundo Oliveira (2019, p. 48):

[...] O impacto do nórdico antigo na língua inglesa é difícil de avaliar com segurança, isso devido ao fato de que as duas línguas guardavam muita semelhança. Cerca de 900 palavras – por exemplo – get, hit, leg, low, root, skin, same, want e wrong são certamente de procedência nórdica. Da mesma forma, palavras que começam sk como sky e skein são nórdicas. (OLIVEIRA, 2019, p. 48)

Apesar de não tão expressiva, a influência escandinava se encontra em diversos vocábulos da língua inglesa como é conhecida na atualidade. Ela está presente em diversos termos relacionados à guerra, cultura e até mesmo nomes de animais:

QUADRO 3 - ANÁLISE DE VOCÁBULOS EM INGLÊS ORIUNDOS DO NÓRDICO ANTIGO

Inglês	Nórdico antigo	Significado (vocábulo relativo a guerra)
berserk	<i>berserkr</i>	Guerreiro nórdico que ficava frenético nas batalhas vestido de pele de animal.
club	<i>klubba</i>	cajado, porrete
gun	<i>gunn</i>	Origina-se do substantivo feminino <i>Gunnhildr</i> : <i>gunn</i> e <i>hildr</i> , "guerra" e "batalha", respectivamente.
ransack	<i>rannsaka</i>	saquear, revistar
scathe	<i>skaða</i>	danificar
slaughter	<i>slatra</i>	abater, chacinar

Fonte: Oliveira (2019, p. 50 e 51)

QUADRO 4 - VOCABULÁRIO DE ANIMAIS EM INGLÊS COM INFLUÊNCIA NÓRDICA

Inglês	Nórdico antigo	Significado (vocábulo relativo ao mundo animal)
bug	Búkr	percevejo
bull	Boli	touro
kid	Kið	cabrito, (familiar: "criança")
reindeer	hreindyri	rena
skate	skata	raia
wing	voengr	asa (de ave, inseto)

Fonte: Oliveira (2019, p. 50 e 51)

2.2 O Inglês Médio e a influência normanda

Ao tratarmos sobre a segunda fase da língua inglesa, o chamado inglês médio (*Middle English* - doravante ME), é importante mencionar a grande relevância do idioma francês. Assim como o alemão influenciou expressivamente a formação do OE, a língua francesa contribuiu de forma significativa o ME, pois, de 1066 até fim do séc XV, a chegada do povo normando gerou grandes impactos de linguagem no território britânico, até então sob considerável predomínio Viking.

Gramaticalmente, é notável que, no ME, o idioma se tornou menos sintético e mais analítico (DURKIN, 2012). A mudança foi gradual e gerou diferentes impactos de região para região, mas levou ao resultado de uma ordem na gramática totalmente nova (DURKIN, *op. cit.*). Os finais inflexivos, muito utilizados no OE, se tornaram mais raros, dando lugar a ordens de palavras que passaram a expressar sentidos gramaticais.

O vocabulário também mudou com a chegada do povo normando. A partir desse momento, o idioma foi gradualmente influenciado por palavras de origem latina, francesa e escandinava.

Mesmo com tantas influências do francês, a língua inglesa não deixou de ser a língua oficial, e a consequência desse fato histórico foi a apuração do seu léxico, configurando o início de um novo período – Modern English (MARQUES, 2013 p.30)

Com tantas influências de povos distintos, a língua inglesa foi amplamente modificada. Este processo de modificação, que durou alguns séculos, não descaracterizou o idioma inglês, porém o levou a um novo período, com realizações diferentes: o ModE

2.3 O Inglês Moderno e *The Great Vowel Shift*

O presente capítulo baseia-se nos estudos de Geiger (2020). Um dos tópicos mais curiosos sobre a evolução da língua inglesa é o que chamamos de *Great Vowel Shift* (GVS), ou, em português, a *Grande Mudança Vocálica*. Muitos idiomas sofreram alterações na sua pronúncia com o passar do tempo. Porém, no inglês, a mudança do ME para o ModE se deu em poucos séculos, e foi tão abrupta que Chaucer e Shakespeare, em 160 anos de distância entre a morte de um e o nascimento de outro, respectivamente, não conseguiriam se entender com clareza, se houvesse a oportunidade de um encontro entre eles.

A teoria mais aceita para explicar tamanha mudança no idioma em tão pouco tempo respalda-se em acontecimentos históricos. Acredita-se que um dos principais agentes modificadores foi o movimento migratório para cidades mais povoadas,

agrupando pessoas com diferentes sotaques e dialetos. Até este tempo, com a influência da Normandia sobre a Grã-Bretanha, a corte falava francês, enquanto os textos eram escritos em latim. O inglês, contudo, era falado por praticamente todo o povo, passando a ser considerado uma língua vulgar e irregular, sobretudo por haver pouquíssimo material escrito no idioma. A língua inglesa no início do primeiro milênio era tão heterogênea que o habitante de uma região poderia não compreender o que um indivíduo que morasse a cinco milhas de distância dissesse.

No séc. XIV, a Peste Negra assolava as cidades da região, matando um grande número de pessoas. Não obstante, neste período houve o já citado movimento migratório das zonas rurais para as urbanas. O que faria um indivíduo sair de uma região de baixo risco de mortalidade para outra, de alto risco? A resposta é, provavelmente, infraestrutura e qualidade de terra. Os trabalhadores queriam a praticidade de rodovias e vias comerciais. Em outras palavras, para a população da época, aparentemente, qualidade de vida não tinha tanto valor quanto avanço econômico pessoal.

Nos anos seguintes à Grande Praga, a Grã-Bretanha se viu em necessidade de trabalhadores, oferecendo boas oportunidades de emprego e uma melhor remuneração aos funcionários, fato que atraiu uma considerável quantidade de imigrantes de toda a Europa. Com tantas imigrações, era inevitável que a língua sofresse influências das mais diversas culturas e povos, descaracterizando sua estrutura e ortografia.

Pelo fato de não haver registros sonoros do ME, muitos estudiosos dedicados a esse tema criam diferentes teorias para explicar o que aconteceu na transição para o ModE, porém nunca houve uma conclusão decisiva sobre esta questão. Os estudos são feitos, muitas vezes, através de poemas, rimas e jogos de palavras que autores da época faziam e que perderam sua sonoridade ao longo dos anos. Chaucer, por exemplo, usava o equivalente à atual palavra *deaf*, "surdo", como uma rima para o respectivo equivalente à palavra *life*, "vida". Hoje em dia, esses dois vocábulos não são fonologicamente semelhantes como no passado, quando eram pronunciados *dif* e *lif*. A grafia de *life* também mudou, sendo originalmente escrita *lyf*.

Otto Jespersen, o primeiro teórico a descrever e estudar o fenômeno GVS, afirma que a mudança começou neste período entre o séc. XIV e séc. XVIII, com o

intuito de unificar o idioma. Um dos principais resultados foi a alteração e determinação dos sons das chamadas vogais longas, bem como de algumas consoantes. Veja a seguir um exemplo comparativo que mostra como as vogais foram alteradas nas palavras *bite*, "morder", *beet*, "beterraba", e *bait*, "isca":

QUADRO 5 - MUDANÇAS VOCÁLICAS NO INGLÊS MODERNO

	ME	ModE
Bite	/bit/	/baɪt/
Beet	/beɪt/	/bit/
Bait	/baɪt/	/beɪt/

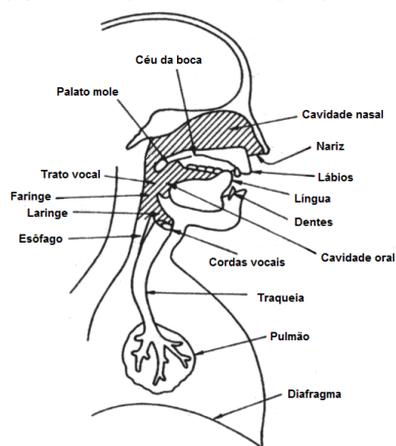
Fonte: Geiger (2020)

Para facilitar a compreensão do que ocorreu fonologicamente no GVS, torna-se de grande valia conhecer o processo de produção das vogais e sua classificação (vogais longas e curtas). A seguir, serão apresentados mais detalhes deste assunto.

2.3.1 O aparelho fonador e a articulação de vogais

Assim como em qualquer outra língua de emissão de ar pulmônica, a produção de sons vocálicos no inglês se dá através da passagem do ar pelo aparelho fonador. O ar sai dos pulmões, passa pelas cordas vocais, fazendo-as vibrar, e é liberado pela cavidade oral.

FIGURA 1 - O APARELHO FONADOR

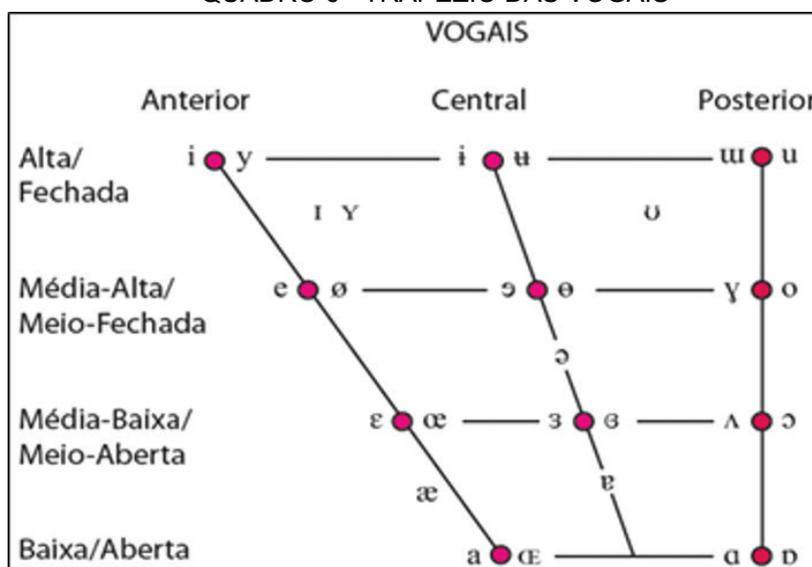


Fonte: Biometria - Impressão Vocal (data não informada)

O sistema de sons do inglês pode caracterizar-se pelos aspectos fonéticos listados a seguir.

1. Altura e posterioridade/anterioridade da língua. Sua representação visual é feita através de um diagrama trapezoidal, como mostra abaixo:

QUADRO 6 - TRAPÉZIO DAS VOGAIS



Fonte: Pós Em Revista Do Centro Universitário Newton Paiva (2016)

O trapézio das vogais possibilita a visualização do movimento que a língua faz para produzir corretamente cada fonema. Sons como /i/ e /u/ são efetuados através da subida da língua, enquanto /a/ e /ɑ/ ocorrem na parte inferior da cavidade

oral. Todavia, assim como /u/, /ɑ/ é uma vogal posterior, o que significa que, para produzir tal som, o dorso da língua recua, enquanto /a/ e /i/ são anteriores, logo sua articulação é realizada na parte dianteira da cavidade oral.

2. Arredondamento dos lábios. A partir deste fator, os sons vocálicos são divididos em dois grupos: os arredondados e os não arredondados.



Fonte: Fonética e Fonologia - Thaís Cristóforo (data não informada)

O quadro acima representa visualmente a posição dos lábios superior e inferior em cada fonema. Vogais não arredondadas são produzidas com lábios abertos, enquanto arredondadas resultam de diferentes níveis de semi fechamento da cavidade oral.

Fonologicamente, o ModE apresenta duas classes de vogais: as longas e as breves. Na primeira, a pronúncia das vogais apresenta majoritariamente ditongação, e equivale ao nome da letra (/eɪ/, /i:/, /ɑɪ/, /oʊ/, /u:/, /ju:/), enquanto a segunda, o grafema representa um fone diferente do que sugere a lógica das línguas em geral (/æ/, /ɛ/, /ɪ/, /ɒ/, /ʊ/, /ʌ/).

QUADRO 8 - VOGAIS LONGAS

A	E	I	O	U
/eɪ/	/i:/	/ɑɪ/	/oʊ/	/ju:/

Fonte: a autora

QUADRO 9 - VOGAIS BREVES

A	E	I	O	U
/æ/	/ɛ/	/ɪ/	/ɒ/	/ʊ/, /ʌ/

Fonte: a autora

Ao longo dos anos, com as mudanças de pronúncia que foram geradas, a língua inglesa se organizou em sua ortografia de forma que, quando uma palavra terminasse com <e>, a vogal anterior seria pronunciada como longa, sendo esse <e> inicialmente pronunciado, mas passando por um processo de apagamento com o passar do tempo, de modo que hoje em dia ele é silenciado. Na ausência deste grafema, a vogal seria pronunciada como breve. Esta regra é vista nas duplas de palavras *twin*, "gêmeo" e *twine*, "barbante" e *cub*, "filhote" e *cube*, "cubo".

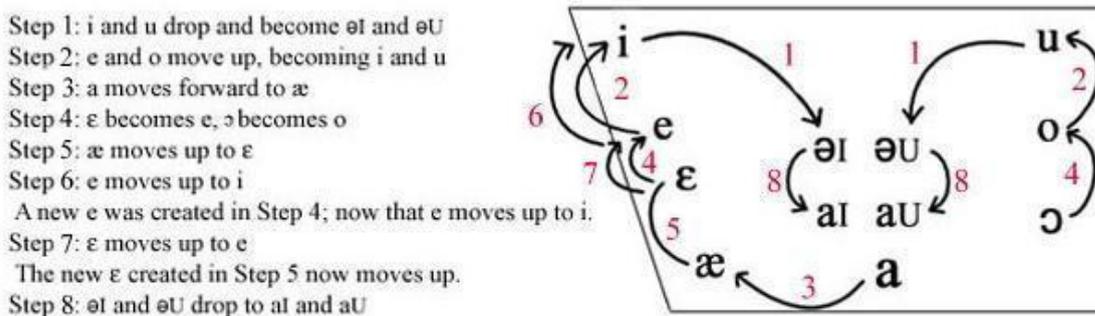
2.3.2 *The Great Vowel Shift*: o que ocorreu na prática?

Conforme será explanado com mais detalhes em 3.1, a língua inglesa apresenta uma relação destoante dos idiomas em geral no tocante à lógica grafema-fonema. Contudo, esta não foi sempre a realidade do inglês. Segundo Schumacher (2002, p. 151), o GVS tem grande ligação com a atual organização morfofonêmica da língua. A partir do período de transição entre o ME e ModE, considerável parte das vogais teve seu som original alterado, bem como alguns sons consonantais (SANTOS, 2009, p. 5). É o caso do vocábulo *name*, aponta Schumacher (*op. cit.*), o qual, apesar de não haver passado por mudanças em sua grafia, teve sua pronúncia alterada, passando a ditongar o fonema <a> e silenciando o fonema <e>.

The presence of many silent vowels at the ends of words like “e” in “name”, stem from the change in pronunciation but not of spelling e.g. “name” originally pronounced with two syllables like “farmer”. The outcome of this was a widening gap between what was written and how it was spoken. (SCHUMACHER, *op. cit.*, p. 151).

As mudanças que decorreram do GVS podem ser verificadas visualmente no trapézio das vogais abordado em 2.3.1. Em termos de articulação das palavras, o que aconteceu com a leitura dos grafemas vocálicos foi uma série de alterações na altura da língua. Como mostra o diagrama abaixo, essa mudança é descrita em oito etapas.

QUADRO 10 - OITO ETAPAS DE MUDANÇAS VOCÁLICAS NO GVS



Fonte: The Great Vowel Shift (data não informada)

O conhecimento das alterações que ocorreram na fonologia da língua inglesa facilita a compreensão de como ela se organiza, e será útil para o entendimento do próximo capítulo, onde trataremos da relação entre grafema e fonema.

3. O Que A Escrita Representa?

Num primeiro olhar sobre a escrita, é possível defini-la como sendo a codificação da linguagem, afinal, através da combinação dos grafemas, se entende, por exemplo, o conteúdo de um texto. Entretanto, como afirma Lass (2000, p. 47), há muita complexidade por trás de um simples sistema alfabético. Um único som pode ser expresso por diversos grafemas. Na língua inglesa, que é o foco do presente estudo, há casos onde o fonema /k/ é representado por <c> ou <k>, e ainda combinações de letras, como <ck> em *back*, "costas", ou <ch> em *chemistry*, "química".

QUADRO 11 - COMPARAÇÃO ENTRE GRAFEMA E FONEMA NO INGLÊS

Phonemic	/k	æ	t/	/s	k	ɪ	p/
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Graphemic	c	a	t	s	k	i	p

Fonte: Lass (2000, P. 47)

Se tratando da complexidade na relação grafema-fonema, outro aspecto comum em diversas línguas, para não dizer todas, é o oposto do mencionado acima. Não é raro encontrar grafemas que podem representar fonemas distintos. Na língua portuguesa, por exemplo, encontramos na palavra "cama" duas realizações diferentes para o grafema <a>, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 12 - COMPARAÇÃO ENTRE GRAFEMA E FONEMA NO PORTUGUÊS

Fonema	/k	ẽ	m	e/
	↓	↓	↓	↓
Grafema	c	a	m	a

Fonte: A autora (2021)

Na língua inglesa também há ocorrências semelhantes. Lass exemplifica alguns casos e vai além, mostrando situações em que o grafema desempenha diferentes funções em distintos sons:

Contrariwise, distinct phonemes can be written the same, like /θ, ð/, written as (th)(thigh, thy). And note that the diacritic function of (h) differs in (th) and (sh); in one it codes manner, in the other place. (LASS, *op. cit.*, p. 48)

Segundo o autor, tais variações na relação entre grafema e fonema não afetam a linearidade da escrita. Entretanto, todas as línguas têm aspectos individuais, e algumas podem apresentar violações na ordem gramatical. No caso do Inglês, ele aponta o já mencionado <e> em final de palavra:

For instance in *rat* vs. *rate*, *rag* vs. *rage*, the final (e) does not represent a segment, but is a diacritic for the interpretation of one or more graphs to its left. An English final (e) usually means that the vowel-graph to its left is to be read not as representing a short vowel (as in *rat*), but as a long vowel or diphthong (as in *rate*: cf. *tot* vs. *tote*, *sin* vs. *sine*). In *rage* the diacritic has greater scope: it also interprets the consonant-graph immediately to its left, so that in *rage* the (e) means: (a) read (a) as /eɪ/, not /æ/; (b) read (g) as /dʒ/, not /g/. This demands not simple left-to-right but bidirectional scanning: you can't tell what (-ag-) or (-at-) mean until you've looked to the end to see if there's an (e) or not. Similarly, while in general (t)=/t/, it often means /ʃ/ if it's followed by (i), and especially (-ion) as in *nation*. And (i) is also a diacritic in certain cases for (s) (= /ʒ/ in *division*), or for (ss) (= /ʃ/ in *passion*), and so on. (LASS, *op. cit.*, p. 48)

Em suma, a escrita é, em sua essência, uma representação gráfica que, de modo apenas superficial, contempla a fonologia de uma língua. Nas palavras de Lass:

Alphabets are essentially systems of graphs that can be arrayed in space so as (more or less) to diagram the temporal flow of segment-sized elements. Most typically they represent a fairly superficial phonemic level (even with all the problems of diacritic, etc. mentioned above), though they (and other types of scripts) can also apparently tap rather 'deeper' grammatical levels, e.g. they can be partially morphophonemic as well. (Or sometimes shallower ones.) (LASS, 2000 p. 49)

Uma vez compreendido como se dá a relação entre grafema e fonema, trataremos a seguir sobre o assunto central do presente estudo: os obstáculos encontrados por aprendizes na pronúncia de Inglês.

3.1 Alguns problemas de aprendizagem de pronúncia do Inglês por aprendizes de L2

O processo de aquisição de uma Língua 2 (doravante L2) pode ser muito desafiador para aprendizes que têm medo de errar. Isso porque há na atualidade um conceito de *erro* amplamente conhecido, de teor negativo, que implica que errar significa *desviar-se do bom caminho*. Entretanto, o ato de errar não pressupõe uma falta de entendimento da parte do aprendiz, e sim revela as etapas de compreensão do conteúdo estudado, revelando a evolução do indivíduo.

Na sua acepção de dicionário, a ideia de erro remete à noção de 'afastamento da direção ou da posição normal', 'engano', 'desvio do bom caminho' ou 'obstáculo'. Em contrapartida, segundo o olhar psicogenético, o erro não é sinônimo de não-acerto e, portanto, de não-aprendizagem; ao contrário, é elemento revelador do processo de apropriação do conhecimento (Ferreiro; Teberosky [1984]1999). (MIRANDA; PACHALSKI, 2019, p. 142)

Ao longo da trajetória de aprendizado de uma língua estrangeira moderna, o aprendiz necessita compreender uma nova lógica de pronúncia e sua relação com seu sistema ortográfico. Na realidade das escolas do Brasil, o ensino de L2 dá-se anos após a alfabetização, quando já existe uma bagagem inicial relativa à escrita, que será utilizada no processo de aquisição da nova língua a ser estudada.

Notoriamente, a aprendizagem de uma L2 ocorre no contexto brasileiro com indivíduos já letrados. A obrigatoriedade de oferta do ensino de L2 no currículo das escolas regulares se dá a partir do 6o. ano, momento em que os estágios iniciais do letramento escolar já aconteceram. Desse modo, um aprendiz adquire uma nova língua fortemente influenciado pelo conhecimento que tem da linguagem escrita, pois esse aprendiz é frequentemente exposto a diversos tipos de informações apresentados em sua forma escrita, como pode ser observado com o uso de livros didáticos, em cursos on-line ou aplicativos desenvolvidos para o ensino de línguas. Nesses contextos de aprendizagem presencial ou remota, a atenção do falante é frequentemente direcionada a estímulos de natureza ortográfica, disponíveis robustamente no *input*, o que reforça o papel do conhecimento ortográfico durante a aprendizagem da L2. (GONÇALVES; SILVEIRA, p. 134)

Embora o letramento seja um grande aliado na jornada rumo à aquisição da L2, ele não proporciona a compreensão da pronúncia da língua de forma completa.

Isso deve-se ao fato de as relações entre grafema e fonema nas línguas portuguesa e inglesa não seguirem as mesmas regras.

Com o intuito de explicar como funciona na mente o processo de compreensão de um novo sistema morfofonológico, algumas teorias já foram propostas. Na *Teoria de Exemplos*, a qual contempla grande parte das conclusões que obtive em minha jornada como professora de inglês para brasileiros, Pierrehumbert (2001) defende que o falante utiliza a memória fonética e lexical obtidas em sua língua materna para criar associações no idioma a ser aprendido.

Em resumo, a *Teoria de Exemplos* assume que a memória de propriedades fonéticas é associada a itens léxicos individuais. O léxico e a Gramática expressam graus específicos de generalizações de memórias fonéticas mantendo um relacionamento estreito entre si. A frequência de tipo e de *token* desempenham papel crucial na organização das representações fonológicas, incorporando inúmeras descobertas decorrentes da pesquisa em sociolinguística. (CRISTÓFARO-SILVA, 2002 p. 9)

Partindo do pressuposto de que a *Teoria de Exemplos* explica de modo adequado, em meu entender, o processo de compreensão fonológica de uma L2, passemos a considerar os obstáculos a serem enfrentados no decorrer da jornada de aprendizado da pronúncia.

O primeiro aspecto que pode gerar desafios no aprendizado de pronúncia de uma L2 tem relação direta com sua relação entre grafema e fonema. Em seu estudo intitulado *A língua na escrita e a escrita da língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões(*)*, João Veloso (2005) classifica os idiomas em duas categorias: fonemicamente transparentes e fonemicamente opacos. O primeiro grupo engloba as línguas em que há uma relação regular entre grafema e fonema, sendo sua pronúncia mais facilmente deduzida por um aprendiz de L2 que não tenha ainda familiaridade com ela. As línguas portuguesa, espanhola e alemã são exemplos que se encontram sob essa classificação.

O segundo grupo é composto por línguas em que sua relação entre grafia e som é explicada por fatores extra gramaticais, como a etimologia e outras relações

morfofonológicas abstratas. Os idiomas presentes nesta classificação, como o inglês e o francês (VELOSO, *op. cit.*, p. 10), por exemplo, apresentam relações entre grafema e fonema que não são intuitivamente compreensíveis para quem não os conhece. No caso da língua inglesa, esta opacidade teve início no mesmo período do acontecimento do GVS, já mencionado, onde, dentre outras transformações, grande parte dos sons vocálicos foram alterados, quebrando a lógica relacionada aos seus grafemas.

As línguas com escrita fonemicamente transparente são aquelas que melhor correspondem àquele que, no início do presente texto, dissemos ser o principal objectivo de um sistema alfabético “ideal”. Em tal sistema, existiria uma correspondência maximamente regular, sistemática e biunívoca entre os segmentos fonológicos e os símbolos gráficos discretos. Já as línguas com escrita fonemicamente opaca consubstanciam um afastamento em relação a esse sistema ideal, pois na representação gráfica acabamos por encontrar símbolos que [...] escapam a uma correspondência directa, biunívoca e isomórfica com as cadeias segmentais da forma fonético-fonológica das palavras. (VELOSO, 2005 p. 8)

O segundo possível obstáculo ao aprender a pronúncia de uma L2 relaciona-se com a irregularidade de equivalência fonológica entre as línguas, ou seja, o fato de que alguns sons presentes em um idioma não existem no conhecimento fonológico do aprendiz, adquiridos na L1. A *Teoria de Exemplos* sugere que fonemas não reconhecidos no conhecimento fonológico do falante são aproximados a sons conhecidos.

Na abordagem da Teoria de Exemplos poderíamos dizer que no aprendizado de língua estrangeira relacionamos padrões sonoros conhecidos da língua materna com padrões sonoros desconhecidos da língua estrangeira. (CRISTÓFARO-SILVA, 2007 p. 7)

Cristófaros-Silva utiliza como exemplo a palavra em Inglês *love*, em que a pronúncia do grafema <o> é representada fonemicamente por /ʌ/, fone inexistente na língua portuguesa do Brasil. Neste caso, o fone mais próximo que um falante brasileiro conhece é a vogal nasal /ã/, presente nas palavras *cama*, *banana* e *Ana*:

QUADRO 13 - APROXIMAÇÃO FONÊMICA ENTRE PORTUGUÊS E INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS

	Vogal nasal	Vogal oral
a. cama	kãma	klma
b. banana	banãna	bɒnɒna
c. Ana	ãna	ɒna

Fonte: Cristófar-Silva (2007, p 7)

Apesar de /ã/ sistematicamente preceder uma consoante nasal, como <m> e <n>, a tendência do falante brasileiro é associá-lo ao som oral /ɒ/, demonstrando que, para ele, ambos pertencem ao mesmo grupo sonoro.

A classificação referente à transparência e opacidade fonêmica dos idiomas, aliada ao conhecimento da não equivalência entre seus fonemas, pode auxiliar no processo de correção de pronúncias fora do padrão da língua estudada de forma mais clara e acessível ao aprendiz. No capítulo seguinte, serão abordados alguns erros comuns realizados por falantes brasileiros em aprendizado de inglês como L2.

4 Alguns Obstáculos De Pronúncia Para Falantes Brasileiros E Como Facilitar Seu Processo De Superação

Minha trajetória como professora de inglês para brasileiros, apesar de ainda muito curta, me permite conhecer de forma concreta quais os deslizamentos de pronúncia mais comuns por eles cometidos. Em função disso, torna-se no mínimo conveniente proporcionar mecanismos que auxiliem o aprendiz a atingir a articulação correta dos sons, ou o mais próximo possível dela.

A seguir irei discorrer sobre os erros que julgo mais comuns feitos por aprendizes brasileiros de inglês e uma proposta preliminar de solução para cada um.

4.1 A Ausência de epêntese após sons plosivos não seguidos de vogal

Os chamados sons plosivos são representados pelos fonemas /b/, /k/, /d/, /g/, /p/ e /t/. Para produzi-los, a passagem de ar emitida pelos pulmões que chega à cavidade oral é brevemente interrompida e logo liberada outra vez, como num breve "estouro". A distinção entre eles ocorre na articulação, que definirá onde essa obstrução da passagem de ar será feita e por qual órgão (lábios ou língua).

No português brasileiro, esses sons são comumente seguidos de uma vogal. Na ausência da mesma, é natural que o falante produza um som vocálico, geralmente /i/. Esta solução fonológica chamamos de *epêntese*.

A língua inglesa, no entanto, não limita o uso de sons plosivos a apenas casos seguidos de vogal. Palavras como *book*, *cap*, *cub*, *hood*, *log* e *rocket* são exemplos em que os fonemas /b/, /k/, /d/, /g/, /p/ e /t/ se localizam no fim da palavra, e, portanto, não há a associação a um som vocálico seguinte. Para falantes brasileiros, que iniciam o aprendizado da língua inglesa, em função de não ser natural esta determinada pronúncia, é comum a inserção de uma epêntese para *solucionar* a situação. Deste modo, as palavras anteriormente citadas, são ditas da seguinte forma:

QUADRO 14 - FORMAÇÃO DE EPÊNTESE EM PALAVRAS DO INGLÊS

Falante de inglês nativo	boo[k]	ca[p]	cu[b]	hoo[d]	lo[g]	rocke[t]
Aprendiz brasileiro de L2	boo[kɪ]	ca[pɪ]	cu[bɪ]	hoo[dʒɪ]	lo[gɪ]	rocke[tʃɪ]

Fonte: A autora (2021)

Tal processo de criação de epênteses é um traço característico da pronúncia de brasileiros que estudam uma L2. Minha experiência em sala de aula sugere que isso ocorre sem que eles se dêem conta, e minha proposta de correção é bastante simples: o aprendiz precisa conhecer esse processo de pronúncia plosiva não seguida de vogal. É interessante que o professor apresente essa diferença entre a língua nativa e a L2, para que haja uma atenção especial do estudante em relação a isso. Uma vez que ele entende a lógica dessa pronúncia, ele pode corrigi-la mais facilmente, através da leitura em voz alta e do simples treino, pronunciando palavras que contenham estes fones. Uma forma de desafiar o aprendiz é abordando trava-línguas e músicas.

4.2 Existência de sons não reconhecidos na fonética brasileira

Como já foi mencionado anteriormente, as línguas do mundo não apresentam, necessariamente, todos os fonemas disponíveis no universo fonológico. Por isso, o aprendiz de uma L2 se depara, mais cedo ou mais tarde, com sons não utilizados no seu sistema internalizado através de sua língua materna. No presente trabalho, foi explicado que, na ausência de um som já adquirido no seu conhecimento fonológico, o falante de L2 buscará aquilo que mais se assemelha ao novo fonema.

Para explicar o ocorrido, tomaremos como exemplo o fonema /ɪ/, presente na palavra *ship*, "navio". A língua portuguesa no Brasil não reconhece a distinção entre esse fonema e o /i/, como na palavra *igreja*. Deste modo, ao aprender inglês, o brasileiro costuma pronunciar *sh[i]p*. Este erro, de origem fonética, está em não

compreender a articulação do fone, mais especificamente na altura da língua. O principal obstáculo dessa adaptação fonética está na presença de uma outra palavra da língua inglesa, *sheep*, "ovelha", onde a dupla de vogais é pronunciada como *sh[i:]p*, sendo seu som mais semelhante ao fonema /i/. Deste modo, para um falante nativo de Inglês, o conteúdo semântico da palavra original *ship* é afetado, sendo interpretado como *sheep*. Esta confusão se dá no âmbito

QUADRO 15 - DIFERENÇA DE PRONÚNCIA DO GRAFEMA <i> EM PALAVRAS DO INGLÊS

	Ship	Sheep
Falante de Inglês nativo	sh[ɪ]p = navio	sh[i:]p = ovelha
Aprendiz brasileiro de L2	sh[i]p = soa como ovelha	sh[i:]p = ovelha

Fonte: A autora (2021)

Muitos outros casos além deste podem ser mencionados, como o som /æ/ em *that*, "aquilo", que, por não existir nos sons do português brasileiro, é transformado em /ɛ/ (como o fonema associado ao grafema e na palavra *céu*), e /θ/ em *thing*, "coisa", que passa a ser dito como /f/. Vale salientar aqui que, apesar destas realizações no inglês mencionadas aqui não são as únicas possibilidades, uma vez que a língua inglesa possui muitos dialetos, com muitas distinções de fonemas entre si.

QUADRO 16 - ERROS DE PRONÚNCIA EM PALAVRAS DO INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS

	That	Thing
Falante de Inglês nativo	th[æ]t	[θ]ing
Aprendiz brasileiro de L2	th[ɛ]t	[f]ing

Fonte: A autora (2021)

Ao me deparar com tais erros fonológicos ao longo de minha experiência como professora, a primeira medida que sempre tomei, e sempre tive retorno positivo, foi explicar a forma de produção dos fonemas em questão em contraste com os efetuados inadequadamente. Para isso, apresento ao aprendiz o aparelho fonador e como ele se articula em ambos os casos (o correto e o fora do padrão). Se

tratando de um som vocálico, é válido mostrar na prática o conceito de arredondamento dos lábios, altura e anterioridade da língua (o estudante pode experimentar articular estes sons para compreender melhor) e depois mostrar onde ocorre a articulação do fonema até então desconhecido.

Já, se o caso for um som consonantal, o aprendiz precisa conhecer a qual grupo de consoante ele pertence (se é plosivo, africado, nasal, etc) e onde ocorre a articulação (bilabial, labiodental, alveolar palatal, etc.). O tempo de duração deste primeiro passo varia para cada indivíduo.

Compreendido como articular o fonema ensinado, é importante praticá-lo. Muitos exercícios podem proporcionar esta ação. Com meus alunos, eu sempre optei por desafiá-los da mesma forma que no item anterior: recitando trava-línguas e aprendendo a cantar músicas estrangeiras.

4.3 A opacidade fonêmica da língua inglesa

Ao contrário dos dois pontos mencionados acima, este terceiro obstáculo encontrado não só por brasileiros, mas aprendizes de inglês como L2 de modo geral não requer necessariamente o conhecimento de uma articulação fonológica desconhecida. A questão já abordada sobre a distinta relação entre fonema e grafema na língua inglesa requer imersão na leitura e em práticas auditivas.

O fato é que existe uma lógica na sua representação escrita; ela apenas não segue o padrão da maioria dos demais idiomas. Portanto, para compreendê-la, é preciso ouvi-la e lê-la com atenção, observando as ocorrências que diferem do conhecimento morfofonológico já adquirido e, assim, adaptar-se com a organização da língua em questão. Gradualmente, o aprendiz organizará em seu léxico a estrutura em que grafema e fonema se relacionam dentro da L2.

4.4 A ausência de acentos gráficos na língua inglesa

Ao contrário de tantas línguas vindas do ramo indo-europeu, o inglês não possui em sua escrita o uso de diacríticos, (fora casos de palavras advindas de outras línguas, sobretudo o francês): os popularmente chamados acentos gráficos. Para um indivíduo brasileiro, isso pode parecer confuso, considerando a relevância que a acentuação tem na língua portuguesa. Esta lógica torna simples a função de distinguir a pronúncia de palavras semelhantes, como *sabia*, *sábia* e *sabiá*.

A língua inglesa, contudo, utiliza outras formas de sinalizar a pronúncia correta de muitas palavras presentes em seu vocabulário. Um caso já apontado no presente estudo é o uso de grafema que não desempenha papel segmental (sonoro) na palavra, que não é um acento gráfico nem desempenha tal função, mas atua de forma diacrítica, o que também aponta a pronúncia correta de alguma forma, indicando o fonema correspondente a grafemas anteriores. É o que ocorre em <e> em final de palavra que, em si, não desempenha função fonêmica, mas influencia na forma como a vogal anterior, e até mesmo algumas consoantes, serão ditas.

Para um brasileiro aprendiz de inglês como L2, essa relação entre grafema e fonema não é intuitiva, e pode ser um pouco difícil de se entender no início. É interessante que o estudante compreenda a lógica dessa estruturação a fim de que o processo de aprendizado textual seja facilitado. Em sala de aula, procuro demonstrar com exemplos como essa relação funciona na prática, e como a substituição por outros fones podem comprometer semanticamente a palavra.

4.5 A existência de palavras geradas por junções de vocábulos da língua inglesa

Muitas línguas no mundo apresentam junções de duas ou mais palavras, derivando em novos vocábulos, novos significados semânticos. Um idioma muito conhecido por suas extensas palavras resultadas de composição é o alemão. Como exemplo, cito a palavra *Naturwissenschaft*, que significa *ciências naturais*, sendo formada por *Natur*, "natureza" e *Wissenschaft*, "ciência".

Apesar de palavras demasiadamente longas não serem tão comuns na língua inglesa, esta também apresenta exemplos claros de composição, como no vocábulo

homework, "dever de casa", formado por *home*, "lar" e *work*, "trabalho". Por vezes, formações de palavras podem confundir a pronúncia do aprendiz de L2, como no caso dos vocábulos *anthill*, "formigueiro", *goatherd*, "pastor de cabras", e *lighthouse*, "farol". Nos três exemplos, a junção das palavras está num grafema final <t> e um inicial <h>, o que levaria o indivíduo a interpretá-los como um dígrafo representado pelo fonema /θ/, como na palavra *think*. Entretanto, a regra que ocorre neste caso da língua é de carácter fonotático, ou seja, a pronúncia das palavras originárias destas composições é conservada, tornando o sentido semântico do vocábulo mais acessível. A demonstração da composição das palavras citadas acima, bem como a representação fonética adequada dos grafemas em questão, estão no quadro abaixo.

QUADRO 17 - JUNÇÕES DE VOCÁBULOS NO INGLÊS

Vocábulo 1	Vocábulo 2	Novo vocábulo
an[t] ("formiga")	[h]ill ("morro")	an[th]ill
goa[t] ("bode")	[h]erd ("rebanho")	goa[th]erd
ligh[t] ("luz")	[h]ouse ("casa")	ligh[th]ouse

Fonte: A autora

Para que o aprendiz aprenda a pronunciar corretamente palavras onde tal situação ocorre, é necessário que ele conheça essa lógica de formação de vocábulos, e assim compreenda a razão da presença de tais fonemas. Uma tarefa que pode contribuir com esse processo de aprendizado é a *dissecação* de um vocábulo composto, como demonstrado no quadro acima.

Com o intuito de tornar mais acessível o ensino de alguns obstáculos no ensino de pronúncia, em 2020 tive a iniciativa de criar para meus alunos um material escrito, explicando detalhadamente o motivo de certas regras de pronúncia existirem na língua inglesa. Tal material foi inspirado nos vídeos do professor americano Gavin Roy, e está disponível na seção *Anexos* do presente estudo, acompanhado de exercícios de fixação do conteúdo.

5 Considerações finais

É comum que a aquisição de uma L2 implique em desafios de pronúncia para o aprendiz, principalmente no início do processo. Entretanto, com o desenvolvimento de estratégias apropriadas, tais obstáculos são possíveis de serem enfrentados e superados sem que haja um esforço excessivo. Em seu papel de mediador do aprendizado da língua inglesa, o professor não deve ignorar os erros realizados por seus aprendizes, pois há casos que podem comprometer, de algum modo, o conteúdo semântico do que é dito, e conseqüentemente, a comunicação propriamente dita.

A abordagem que deve ser feita, no entanto, não é colocando a presença de erros como algo negativo, mas sim um indicativo de que o indivíduo está cada vez mais próximo do seu objetivo de aprendizado. Uma vez que o aprendiz perde o medo de arriscar e errar, ele estará cada vez mais sujeito a atingir a forma correta de pronúncia, eliminando as formas fora do padrão da língua e compreendendo a articulação de cada fonema.

Para auxiliar o estudante a reparar eventuais erros de pronúncia, é conveniente ao professor conhecer a origem deles e, assim, apontar ao aprendiz onde ocorrem os desvios cometidos por ele no processo de aquisição de uma segunda língua. Deste modo, o discente consegue visualizar melhor onde houve o erro e sua compreensão torna-se mais acessível.

Ao longo de minha caminhada como docente, tive o privilégio de acompanhar este processo de perto muitas vezes. Cada indivíduo tem dúvidas diferentes e traça uma linha de raciocínio singular, mas todos são capazes de atingir o mesmo objetivo. Alguns terão mais facilidade, por diversas razões, e outros enfrentarão uma jornada mais custosa. Neste processo, é louvável que o professor tenha um olhar atento às necessidades de cada aprendiz, buscando conhecer a origem das dificuldades enfrentadas por eles, se colocando em seu lugar e tratando de sanar as dúvidas sob a ótica por eles traçada. A ação atenta do professor como mediador deste processo pode fazer toda a diferença na vida de seu discente, tornando o estudo mais simples, mais acessível e até mesmo mais agradável e prazeroso.

A experiência, tanto em sala de aula quanto em qualquer outro possível ambiente de estudo, é, logicamente, influenciada pelo interesse e comprometimento do aluno. Porém, o papel do professor também é muito importante. Por isso, o professor que compreende a origem dos problemas de seus alunos e adapta para a sua linguagem poderá gerar uma fluidez no desempenho do indivíduo. Ser professor exige, portanto, conhecer e compreender o docente a quem ensina.

6 Referências Bibliográficas e Fontes

BAUGH, A. C.; CABLE, T. **A History of the English Language**. 5. ed. Londres, 2002.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.) **Linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária. UFPB. 2002. p. 9.

CRISTÓFARO-SILVA, T. O Ensino de Pronúncia na Aula de Língua Estrangeira. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (Org.). **Em Torno da Língua(gem): questões e análises**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 132-134.

GONÇALVES, A. R.; SILVEIRA, R. Efeito da Ortografia. In: ALVES, U. K.; KUPSKE, F. F.; LIMA JR., R. (Org.). **Investigando os sons de línguas não-nativas**. Campinas: Abralín, 2021. p. 129-134.

HOGG, R. **An Introduction to Old English**. 1. ed. Edimburgo, 2002. p. 2-3.

JESPERSEN, O. **A Modern English Grammar on Historical Principles**: part 1. Heidelberg: Carl Winter's Universitats, 1909.

LASS, R. **Historical linguistics and language change**. Cambridge, 2000. p. 47-50.

MARQUES, L. J. **ANÁLISE DIACRÔNICA DA LÍNGUA INGLESA EM TEXTOS LITERÁRIOS**. 2013. 40 f. Monografia (Especialização) - Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Estadual de Goiás, Jussara, 2013.

MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L. Conhecimento fonológico na aquisição da escrita: um estudo sobre os erros (orto)gráficos em textos de crianças do ciclo de alfabetização. **ReVEL**. Pelotas, v. 17, n. 33, 2019. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/b4ecb21e8166d5107fe10ea4639c3ff1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

O'CONNOR, J. D. **Better English Pronunciation**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. p. 79-87.

OLIVEIRA, J. B. **A Influência do Nórdico Antigo no Inglês moderno**. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. 2019, Rio de Janeiro. Anais do XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia: Textos Completos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. p. 47-53.

PIERREHUMBERT, Janet (ed.). Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2001. Cap. 6. p. 137-157. (Studies in Language).

SANTOS, Rosana de Oliveira Prado dos. **Ensino Da Língua Inglesa: pronúncia e ortografia na sala de aula**. 2009. 20 f. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

SCHUMACHER, C. *et al.* **Guia de pronúncia para brasileiros**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

SILVA, A. P.; SOUZA, F. L.; MAY, V. R. Identificação De Padrões De Vogais Em Registros Acústicos: análise por componentes cepstrais e redes neurais. In: **Pós Em Revista Do Centro Universitário Newton Paiva**, Belo Horizonte: Editor, n. 13, 2016.

VELOSO, J. A língua na escrita e a escrita da língua. algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões(*). In: Escola Superior de Educação de Lisboa. **Da Investigação às Práticas. Estudos de Natureza Educacional**. Lisboa. 2005. p. 49-64.

6.1 Sites consultados

DURKIN, P. Middle English - an overview. **Oxford English Dictionary**, data não informada. Disponível em: <<https://public.oed.com/blog/middle-english-an-overview/>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FERNANDES, M. Substantivo simples e composto (com muitos exemplos). **Toda Matéria: conteúdos escolares**, data não informada. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/substantivo-simples-e-composto/>>. Acesso em: 2 de nov. 2021.

NEVES, F. Com hífen ou sem hífen: Regra do uso do hífen (-) nos prefixos. **Dicio, Dicionário Online de Português**, data não informada. Disponível em: <<https://duvidas.dicio.com.br/com-hifen-ou-sem-hifen-nos-prefixos-e-falsos-prefixos/>> . Acesso em: 7 nov. 2021.

PROPRIEDADES do sinal. **Biometria - Impressão Vocal**, data não informada. Disponível em: <https://www.gta.ufrj.br/grad/09_1/versao-final/impvocal/propdosinal.html>. Acesso em: 2 nov. 2021

THE Great Vowel Shift. **Jump! Mag**, 2015. Disponível em: <<http://jumpmag.co.uk/great-vowel-shift/#masthead>> . Acesso em: 1 out. 2021.

WHAT is the Great Vowel Shift?. **The Great Vowel Shift**, data não informada. Disponível em: <<http://facweb.furman.edu/~mmenzer/gvs/what.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2021.

6.2 Vídeos consultados

GEIGER, L. The History Guy: History Deserves to Be Remembered. Youtube, 27 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VOOAb7erAmE>>. Acesso em: 12 set. 2021.

ROY, Gavin. Como pronunciar "TH" | Dica #7. Youtube, 21 set. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RSq2u43KN4w>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

ROY, Gavin. Magic E: a regra do inglês que funciona 95% das vezes! Youtube, 21 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5gkZWcp_a08>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROY, Gavin. Reduza seu sotaque em 20% | dicas de inglês em inglês #1. Youtube, 23 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Yr8xnNXvEA>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

APÊNDICE A - Fale em inglês com mais naturalidade

Ao iniciar o estudo de uma língua estrangeira, é rapidamente visível algumas diferenças entre a forma como a pronunciamos e como falantes nativos pronunciam as mesmas palavras. Isso ocorre porque cada língua possui sua própria forma de relacionar letra e som. Logo, se você deseja falar outra língua de uma forma mais próxima da pronúncia de um nativo, é preciso conhecer como os sons são produzidos no idioma estudado e quais as diferenças entre sua relação com a escrita que seguem um padrão diferente do que usamos na língua portuguesa.

Agora, vejamos três dicas de pronúncia.

1. Evite vogais epentéticas.

Pronuncie os pares de letras abaixo e tente descobrir o que difere um do outro:

T - D

P - B

K - G

Os sons acima são chamados *plosivos*, e, para pronunciá-los, fazemos uma pequena *explosão de ar* na nossa boca. Na língua portuguesa, nós não produzimos tais sons sem o acréscimo de um som vocálico logo após. Não é natural para nós. É por isso que, na ausência de uma letra vogal após um plosivo, nós acrescentamos um som vocálico, como nas palavras abaixo. Esta solução chamaremos de epêntese.

psicólogo

adjetivo

absurdo

advogado

substituto

ritmo

facebook

opção

No inglês isso não acontece. O uso de sons plosivos não seguidos de vogal é algo comum e pronunciado normalmente. Veja as palavras abaixo.

hot

ping-pong

*bad**laptop**comet**job*

Usando a lógica da língua portuguesa, as palavras acima seriam pronunciadas como *hoti*, *badi* e assim por diante. Muitos brasileiros estudantes de inglês de fato realizam essa pronúncia, mas o ideal é que ela seja evitada.

2. A pronúncia do TH

Normalmente somos ensinados que essa combinação de duas letras representa o som do <s> para quem tem língua presa, representada pelo símbolo θ . De fato, isso é verdade em muitos casos. Mas há também outra possibilidade. <th> pode também ser representado pelo símbolo [ð]. A articulação deste som é muito semelhante ao anterior, a única diferença está no vozeamento, ou seja, para produzirmos este som, usamos as cordas vocais, enquanto [θ] não requer o seu uso, pois é desvozeado. Mas como saber quando usar cada som, considerando que não temos uma letra para cada um? Abaixo, veja algumas dicas que podem ajudá-lo.

1 - Quando <th> está no início de uma palavra, normalmente seu som será [θ].

Thank, think, thumb

Exceções famosas desta regra:

- Em *the, this, that, these, those, they, them, their, there, then, than, thus* (*portanto*) e *though* (*apesar*) o som do <th> é [ð].
- Nas palavras *Thomas, Thailand* e *Thyme*, o som do <th> é o mesmo que no <t> comum.

2 - Quando a palavra termina com <th>, ela normalmente soa como [θ] também.

Health, tooth, with.

3 - Quando a última sílaba termina com <the>, normalmente o som será de [ð].

Bathe, breathe, clothe

4 - Quando há <y> no fim de um substantivo que termina com <th>, transformando-o num adjetivo, o som será [θ].

Health > healthy

Earth > earthy

Wealth > wealthy

Exceção: *Worth > worthy*

5 - Quando <th> está no meio de uma palavra, normalmente ele soará como [ð], mas há muitas exceções para esta regra.

Father, brother, together, clothing.

Exceções:

- Quando uma palavra é composta por dois vocábulos e uma delas conecta com <th>, a pronúncia permanecerá sendo [θ]. Por exemplo, palavras compostas pela palavra *thing* (*everything, anything, nothing*). Outros exemplos:

bath + room = bathroom

health + care = healthcare

- Palavras de origem grega: *Athlete, cathedral, ethics, method, sympathy.*

6 - Quando a palavra é composta por outras duas, onde a primeira termina com <t> e a segunda inicia com <h>, a pronúncia será de um <t> e um <h>, separadamente, conservando a sonoridade das palavras originais.

Ex: *light + house = lighthouse*

pot + head = pothead

ant + hill = anthill

Exercício:

Leia as palavras abaixo e indique se as ocorrências de <th> são pronunciadas como [θ] ou [ð].

sixth

mother

booth

theme

farther

teeth

thyroid

northern

smoothest

stealthy

thirty

3. A Regra do <e> Silencioso

Existe um truque muito útil ensinado nas escolas dos Estados Unidos que certamente irá ajudá-lo muito a compreender como certas palavras em inglês são escritas e pronunciadas.

Leia as palavras a seguir:

bathe	bath
pete	pet
bite	bit
clothe	cloth
huge	hug

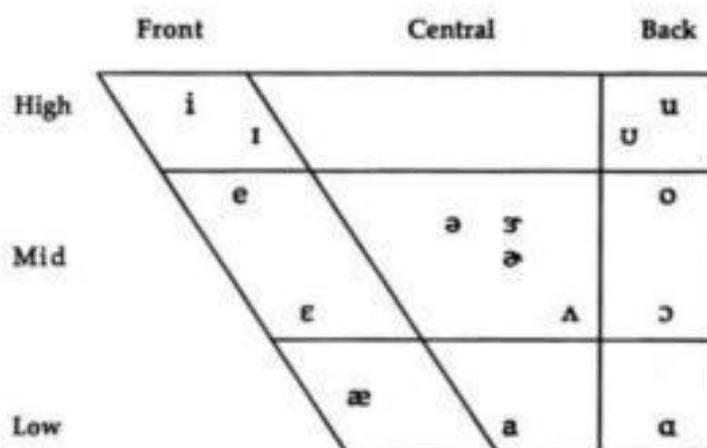
Primeiramente, vejamos a diferença entre a primeira e a segunda coluna. As vogais destacadas na coluna da esquerda são consideradas *vogais longas*. Isso significa que elas *dizem os próprios nomes em inglês*. Na segunda coluna, cada vogal em **negrito** é considerada uma *vogal breve*, que significa, basicamente, que elas são pronunciadas de uma forma diferente.

Vogais Longas:

A **E** **I** **O** **U**
 /eɪ/ /i:/ /ɑɪ/ /oʊ/ /ju:/

Vogais breves:

A **E** **I** **O** **U**
 /æ/ /ɛ/ /ɪ/ /ɒ/ /ʊ/, /ʌ/



A língua inglesa é o resultado da mistura de várias línguas, sendo o alemão, o francês e o latim os idiomas de maior influência em sua formação. Por serem línguas tão diferentes, no passado houve muitas dificuldades para harmonizá-las numa estrutura nova. Um grande problema foi a ausência de um elemento sinalizador de quando as vogais seriam longas ou breves. Por isso, em 1582, uma reforma ortográfica foi feita. Daquele momento em diante, seria adicionado uma letra <e> muda no final de palavras que tivessem vogais longas. É por isso que a palavra *time* em inglês é dita como /tʌɪm/, e o nome *Tim* como /tɪm/, por exemplo.

Vejamos alguns outros exemplos:

at – ate

us – use

hid – hide

rid – ride

can – cane

man – mane

fad – face

fat – fate

them – theme

fin – fine

nod – node

cub – cube

cut – cute

tub – tube

O <e> silencioso também altera a forma como <c>, <g> e <th> são pronunciadas:

Mac + e = Mace

Hug + e = Huge

Cloth + e = Clothe

Segundo o professor americano Gavin Roy, a regra funciona em quase 100% dos casos. Mesmo assim, conheçamos algumas exceções:

one, done, love, glove, above, come, some, have, prove, lose, gone.

Exercise:

Agora, considerando a regra aprendida, classifique cada vogal como longa ou curta:

hat (chapéu) _____

tone (tom) _____

sit (sentar) _____

tape (fita) _____

script (roteiro) _____

mode (modo) _____

mask (máscara) _____

mute (mudo) _____

credit (crédito) _____

rope (corda) _____

phone (telefone) _____

that (aquele) _____

mug (caneca) _____

mad (louco; bravo) _____

forgot (esqueci) _____

cash (dinheiro) _____